

# Rodrigues defende "plantio de energia"

Distinguido com o prêmio Personalidade Brasil-Alemanha 2006, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Roberto Rodrigues, fala em entrevista exclusiva à *Tópicos* sobre a crise na agricultura brasileira, biocombustíveis e agronegócios, um setor que representa 27% do PIB brasileiro, gera 37 % dos empregos e responde por 37% das exportações do país.

TEXTO: ARTHUR MONTEIRO

**A**gricultura brasileira enfrenta uma crise sem precedentes em sua história contemporânea, que a deprime com uma dívida superior a R\$ 30 bilhões. Foi, no entanto, ao bater no fundo do poço e prevendo a ocorrência de novas adversidades na próxima safra que o governo despertou de vez para o sonho acalentado pelo engenheiro agrônomo Roberto Rodrigues de inundar o planeta com combustíveis derivados da agroenergia.

Ligado movimento cooperativista, Rodrigues chegou ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do governo Lula, sob olhares desconfiados da esquerda petista, que via nele mais um aristocrata rural paulista. Hoje, quem vigia estreitamente seus movimentos é a direita, na oposição, que o quer fora do governo. O senador Antero Barros (PSDB) chegou a sugerir que ele deixasse o ministério, caso não encontrasse solução para a crise. "São meus amigos, preocupados com miha biografia que estaria erodindo neste governo", ri.

Embora reconheça a gravidade da crise e tenha que administrá-la, o ministro sustenta que sua origem e manutenção estão fora do âmbito de seu ministério: aumento do custo de produção, queda de preços agrícolas, estiagem, logística sucateada, deficiência dos meios de transporte, questões ambientais, ocupação de terras e o endividamento do produtor.

Há um mês e meio, o governo editou um pacote de medidas emer-

genciais, prorrogando dívidas, concedendo empréstimos, realizando leilões de opções, o que, segundo Rodrigues, "tapa a metade do buraco". O próprio ministro reclama que, até agora, nem instruções nem dinheiro chegaram aos bancos, paralisados nos escaninhos do sistema, por conta da defasagem existente entre a decisão política e a lenta ação burocrática. E o que mais o angustia é que, daqui a um ano, os problemas estarão todos de volta.

O ministro lembra que o governo já teve de rever suas prioridades em 2005, quando a área plantada do Brasil caiu em 2,4 milhões de hectares, derrubando num efeito dominó o comércio, a indústria, o saldo comercial e o emprego nos Estados mais eminentemente agrícolas, como o Rio Grande do Sul e o Paraná.

Em 2006, outro fator negativo veio a somar. O surto de gripe aviária, derrubou o consumo e com ele, o preço do frango caiu entre 30 e 40%. Na condição de maior exportador mundial de frango, os reflexos da retração na cadeia produtiva acabaram por influenciar a safra de milho e soja que, não demandados, perderam muito de seu valor.

Mas a maré negativa não pára por aí. Segundo cálculos do ministério, a crise pode subtrair da produção, outros 3,5 milhões de hectares, levando a uma estimativa de safra em 2007, ao redor de 115 milhões de toneladas de grãos. Em 2003, o país chegou a colher mais de 123 milhões de toneladas.

Com seis milhões de hectares a menos, o Brasil deixará de colher 50 milhões de toneladas e isso, assegura o ministro, terá impacto no mercado mundial, com reflexos internos imprevisíveis. De repente, a âncora verde que segurou a inflação em todos estes anos de Plano Real pode mexer irremediavelmente nos preços ao consumidor brasileiro.

## Vitória na OMC

Se a gripe aviária e o surto de febre aftosa atrapalharam sobremaneira o agronegócio, a vitória brasileira na OMC na questão do açúcar representou um avanço importante. Para Rodrigues, o fato da União Européia deixar de exportar de dois a três milhões de toneladas de açúcar abre mercado para o Brasil e outras produtoras, com a vantagem dos preços terem alcançado os patamares mais expressivos dos últimos 20 anos.

"A União Européia já sabia que não poderia continuar subsidiando naqueles níveis, o que estava se tornando insustentável para o comércio mundial. O Brasil ainda enfrenta dificuldades pela interposição de barreiras sobre produtos como o próprio açúcar e a carne, cuja entrada em alguns mercados é sobrecarregada de tarifas. Nossa esperança reside nos avanços que as negociações entre o Mercosul e a UE possam proporcionar, flexibilizando o acesso de produtos sensíveis, de um lado e de produtos industriais e de serviço, do outro", diz o ministro.

Rodrigues mostra-se otimista também em relação à questão da



*Cana-de-açúcar: fonte de energia renovável*

rotulagem "contém" da soja geneticamente modificada, cuja vigência se dará em 2012. "Nossa limitação nas exportações de soja é capacidade produtiva devido aos fatores da crise (custo de produção/logística). Vejo como um escape, na região do Centro-Oeste, por exemplo, iniciar a produção imediata de biodiesel, como forma dos prelos ganharem melhor dimensão internamente."

### **Loucura coletiva**

Muito antes de ser ministro, em suas andanças como presidente da Aliança Mundial de Cooperativas, Roberto Rodrigues passou a constatar que "a maior loucura coletiva da humanidade" foi ficar dependendo do petróleo. "Construir uma civilização em torno do petróleo, que ainda por cima agride o meio ambiente, foi uma insânia. Por sorte a humanidade acordou no século 21 com a clareza de que as bases deste edifício vão ruir e se debruça sobre alternativas energéticas. A agroenergia é o novo paradigma agrícola. Ela que, através do álcool de batata já moveu a máquina de guerra alemã, em 1914, está de volta, com outro padrão tecnológico. A civi-

lização da agroenergia vai mudar a história do mundo, entusiasma-se.

O Brasil, que já ostenta o modelo vitorioso do Pró-Álcool, começa a trilhar a senda dos biocombustíveis, tanto que os ministérios da Agricultura e de Ciência & Tecnologia recebem periodicamente a visita de ministros, embaixadores, querendo comprar, querendo produzir. "No primeiro contato com o presidente Lula, fui logo dizendo que precisávamos plantar energia. Podemos multiplicar nossa produção de etanol em pelo menos 10 vezes. Podemos produzir biocombustíveis para inundar o planeta, com zero de impacto ambiental", assegura o ministro, lembrando que os biocombustíveis sequestram carbono e, portanto, projetos a partir deles poderão ser financiados com crédito de carbono por grandes empresas multinacionais.

– Verifiquei que os países desenvolvidos vão despejar um mar de dinheiro em tecnologia de agroenergia. Nenhum país do mundo tem o potencial de crescimento que nós temos. Os Estados Unidos pretendem adicionar 15% do etanol na

gasolina até 2015, o que corresponde a 60 bilhões de litros. Hoje produzimos 16 bilhões de litros. Existe um gigantesco potencial de demanda e para atendê-lo precisamos investir em pesquisa, reconhece Rodrigues. Dos alemães, que são parceiros importantes no agronegócio, através de seus investimentos e importações (café, sucos, carnes, fumo, farelo e grãos de soja), esperamos uma aproximação ainda maior na área dos biocombustíveis

Para perseguir esta tecnologia, os ministérios da Agricultura, da Indústria e Comércio e da Ciência e Tecnologia elaboraram um plano de diretrizes gerais para biodiesel e o ministro Roberto Rodrigues determinou a criação na Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (Embrapa) de um Centro de Agroenergia, apoiado através de um consórcio com a iniciativa privada, que irá gerar fundos para empurrar a idéia.

Rodrigues tem um projeto que poderia ser implantado no interior de qualquer país do mundo e que produz etanol para exportação, movimenta todos os seus motores com biocombustível da soja, gera energia com o bagaço de cana e, na entressafra, com carvão vegetal plantado, usa o farelo da soja para alimentar suínos e aves e emprega os dejetos desses animais como fertilizante.

– Não queremos que o Brasil seja o único produtor de etanol e biodiesel do mundo. Queremos fazer disso uma commodity, vender tecnologia, equipamento e know-how. Queremos que sejam criados países auto-suficientes ou consumidores que possam potencializar nossas condições de crescimento. ■

### **Sobre o prêmio Personalidade Brasil-Alemanha**

"Não me sinto digno deste prêmio e digo isso sem nenhuma falsa modéstia. Pela primeira vez, ele é outorgado a um ministro de Estado e isso muito mais me enobrece. Recebo-o com enorme gratidão e, muito embora, não me sinta merecedor de tal honraria, farei tudo para dignificá-lo pelo resto da minha vida".